

Breve introdução à vida e obra de Herbert C. Kelman (análise exploratória incluindo reflexões para a educação)

Roseli Fischmann¹

Resumo: É importante lembrar a contribuição de Herbert C. Kelman, pioneiro dos estudos sobre a paz e da prática de resolução de conflitos, quando processos de desumanização renovam-se e desafiam a educação. Sua obra, de caráter interdisciplinar, permite aproximações ao campo da educação, com possibilidades inovadoras. Este artigo preliminar apresenta uma visão da vida e obra de Kelman, exemplificando sua contribuição por breve tratamento dos temas da desumanização e da resolução de conflitos.

Palavras Chave: Herbert Kelman; resolução de conflitos; desumanização; educação para direitos humanos; educação para paz.

Abstract: When dehumanization processes get renewed, challenging education, it is important to remember the contribution of Herbert C. Kelman, peace studies and conflict resolution pioneer. His interdisciplinary work allows proposing approaches to education, which can present innovative possibilities. This preliminary paper, then, presents a view of Kelman's life and work, exemplifying his contribution by briefly proposing the themes on dehumanization and conflict resolution.

Keywords: Herbert Kelman; conflict resolution; dehumanization; human rights education; peace education.

Introdução

A garantia, proteção e promoção da dignidade humana é questão central na prática e investigação educativa. Trata-se de tema que tem sido abordado por muitos autores, em particular no campo da filosofia e da política, com entrelaçamentos no campo pedagógico e legal. Contudo, processos renovados de desumanização do ser humano em diferentes circunstâncias desafiam a educação a encontrar caminhos alternativos aos atuais e bases mais consistentes para a compreensão de como lidar com semelhantes situações.

Nesse contexto, é importante lembrar a contribuição de Herbert C. Kelman, pioneiro, em nível mundial, dos estudos sobre a paz, bem como da prática de resolução de conflitos. Em que pesem seu reconhecimento mundial e obra profícua, trata-se, contudo, de estudioso e praticante da paz ainda insuficientemente divulgado no Brasil². Em especial no campo da educação, sua obra traz possibilidades inovadoras e relevantes, tanto nas propostas teóricas e metodológicas, como na articulação entre teoria e prática.

Herbert C. Kelman é professor da Universidade Harvard, em Cambridge, Estado de Massachusetts, Estados Unidos, junto a Faculdade de Artes e Ciência (*Faculty of Arts and Science – FAS*), Departamento de Psicologia Social, atuando na área da Ética Social, Psicologia Social e Psicologia Política. A perspectiva interdisciplinar que desenvolve, com grande ênfase na temática internacional desde o início de sua carreira acadêmica, levou-o à afiliação ao Centro Weatherhead para Assuntos

¹ Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo e docente colaboradora (aposentada) do Programa de Pós-Graduação em Educação da FEUSP. Email: roseli.fischmann@pq.cnpq.br.

² Coordenei publicação especial que sobre Herbert Kelman (FISCHMANN, 2007), disponível na internet, no site da Mandruvã/CEMOROC, na qual se pode acessar a foto do professor em www.hottopos.com/kelman/foto.htm.

Internacionais (*Weatherhead Center for International Affairs - WCFIA*), de Harvard, que paulatinamente se tornou o que Kelman considera seu lar acadêmico em Harvard.

Para tratar aqui de Herbert C. Kelman, são utilizados três textos autobiográficos (KELMAN, 1999; 2001; 2004), bem como resultados do privilegiado processo de dois anos de convivência que em Harvard, quando desenvolvi programa naquela universidade como *Visiting Scholar*³, a convite do professor Kelman, que atuou como meu anfitrião institucional, ou *sponsor*, junto ao Departamento de Psicologia Social⁴. Essa convivência permitiu-me um intercâmbio pessoal significativo, tanto em termos das indicações de leituras e frequência a seminários por ele conduzidos, como também muitas entrevistas, em que me narrava suas experiências e vivências, além de participar de seus grupos de pesquisa e seminários, incluindo a oportunidade de participar de uma oficina simulada de sua prática de resolução de conflitos, entre diplomatas e *fellows* do Centro Weatherhead (*WCFIA*). Foi, sobretudo, um tempo de ser testemunha do cotidiano de um ser humano exemplar, que faz a diferença na vida daqueles com quem convive e ensina, pela teoria, pela prática e simplesmente por sua vida.

Terminado o período oficial de visita acadêmica a Harvard em 2005, para lá retornei entre final de maio e início de junho de 2006, com objetivo específico de, com reuniões diárias, de forma concentrada, receber de Kelman suas obras que ainda não conhecia, bem como ouvir novos testemunhos e narrativas, assim como analisar com o professor Kelman, ou Herb, como o chamamos seus estudantes e amigos, reflexões que fui preparando sobre sua vida e obra, enquanto dialogávamos e, nos intervalos, dedicava-me a ler um pouco de seus estudos. Herb Kelman orientou-me com relação aos trabalhos mais relevantes das cerca de 300 publicações científicas que produziu em sua vida, direcionando meu estudo que, naquele momento, estava voltado para o tema dos direitos humanos e da tolerância⁵ na obra e vida de Herb.

Algumas informações sobre a vida de Herbert Kelman

Herbert Kelman é sobrevivente do Holocausto. Ele viveu por um ano sob o domínio nazista depois da *Anschluss*, em Viena, na Áustria, onde nasceu em 1927. Aos doze anos de idade ele e sua família viajaram como refugiados para Antuérpia, na Bélgica, onde viveu um ano, aprendeu francês e a língua flamenga, e testemunhou a tomada de mais um país pelo nazismo. Um ano depois de sua chegada a Antuérpia, a família Kelman recebeu o visto para entrada nos Estados Unidos, antes solicitado, apenas então rumando para os Estados Unidos, instalando-se no Brooklyn, em Nova York.

Ao chegar aos Estados Unidos, adolescente em torno dos 14 anos, juntou-se a grupos pacifistas, sob influência do marido de sua irmã, um rabino envolvido com

³ Atividade que contou, em sua primeira fase, com apoio da FAPESP, a qual aqui renovo os agradecimentos pelo auxílio “viagem ao exterior” que me concedeu.

⁴ O convite e o *sponsorship* foram assinados pelo professor Kelman em conjunto com a professora Mahzarin R. Banaji, atualmente detentora da Cátedra Professor Richard Clarke Cabot de Ética Social, honroso título que Herb detém ao longo de sua vida em Harvard, sendo atualmente Professor Emérito sob a mesma égide, reconhecimento a ele como pesquisador excepcional, de excepcionais resultados em suas obras. Meu primeiro contato com Herb foi em 1995 em Encontro da ISPP – International Society of Political Psychology.

⁵ Essa publicação reúne os documentos enviados à UNESCO – cartas de indicação e de apoio, estudo apresentado a obra do candidato, além de outros dados pedidos, relativos à indicação que um grupo de pesquisadores e ativistas fez à UNESCO do prof. Kelman para o Prêmio Madanjeet Singh para a Promoção da Tolerância e a Não-Violência, sendo que, entre quase uma centena de candidatos (tendo o prêmio ido para um pacifista da Ásia, região que aquele Prêmio mira), o prof. Kelman recebeu Menção Honrosa, como indicação do Júri Internacional e decisão do Diretor Geral da UNESCO.

pacifistas. Esse caminho levou-o a conhecer linha de ação pacifista ligada diretamente ao pensamento do Mahatma Gandhi, que então liderava o processo de independência da Índia com seus métodos pacifistas⁶. De fato, Kelman era ainda um estudante de graduação quando, nos anos 1940, tomou compromisso com os princípios de Gandhi de não-violência como fundamento para educação e prática pessoal.

Esse compromisso precoce com a não-violência e o respeito à dignidade humana – a despeito da experiência vivida de opressão e intolerância nazista, que conduziu Kelman a ser um jovem refugiado e, assim, apenas por essa fortuita possibilidade, um sobrevivente do Holocausto – levou-o a, década após década de sua vida pessoal, profissional e acadêmica, a envolver-se em iniciativas e movimentos devotados à promoção de direitos civis, em particular no tema da igualdade racial, direitos humanos, bem como à análise e resolução de conflitos internacionais.

Entre outras iniciativas importantes nas quais esteve pessoal e diretamente envolvido, desempenhou papel de liderança no movimento/ONG (quando esse conceito sequer existia) *CORE – Congress for Racial Equality*, Congresso para a Igualdade Racial. Foram anos em que foi pioneiro, em colaboração com outros colegas, no uso da ação direta não-violenta no combate à segregação e discriminação racial nos Estados Unidos.

Kelman atuou em Nova Jersey, como membro do *CORE*, ainda jovem universitário, buscando romper com a segregação em piscinas públicas, por exemplo, ocupando, com outros participantes do movimento, o acesso à catraca de entrada, até que fosse liberado o acesso aos negros, até então proibidos dessa frequência. Foi preso em uma dessas ocasiões, ainda no final dos anos 1940. Em Baltimore, quando fazia seu pós-doutorado na Universidade John Hopkins⁷, fundou com outros colegas uma seção local do *CORE*, sendo ali, para seu horror, como narra, sua primeira vivência em um ambiente 100% segregado.

O tempo de atuação junto ao *CORE* foram anos em que Kelman integrou o grupo de corajosos pioneiros, em colaboração com outros colegas, no uso da ação direta não-violenta no combate à segregação e discriminação racial nos Estados Unidos, com repercussões para outras partes do mundo. Por exemplo, embora de repercussão tardia, essa influência inclui o Brasil, onde, movimentação pública atrasada em relação à necessidade, sofreu resistências veladas e abertas, como o caso de manifesto assinado por grupo de acadêmicos, entregue ao Supremo Tribunal Federal e divulgado publicamente, contra as ações afirmativas.

Outro ponto relevante para a proximidade da relevância do trabalho de Herbert Kelman para o Brasil, é que a organização *CORE* foi a responsável, tanto diretamente quanto por seus afiliados, por iniciativas que conduziram a conquistas pioneiras e transformadoras da ordem jurídica norte-americana em relação à questão racial. São exemplos: (a) o caso levado aos tribunais da menina Linda Brown (representada por seus pais) contra o Departamento de Educação de Topeka, que foi o marco nacional para os Estados Unidos de dessegregação nos Estados Unidos, significativamente iniciado pela educação; (b) Rosa Parks e o célebre movimento

⁶ Kelman guarda ainda na parte interna da porta de seu escritório, o cartaz de um encontro mundial de pacifistas contra a guerra, realizado em 1968, que homenageou o centenário de nascimento de Gandhi. Foto tirada em maio de 2006, disponível em <http://www.hottopos.com/kelman/gan.htm>.

⁷ Após um período de prisão por, já cidadão americano, negar-se a lutar na Guerra da Coreia (alegando objeção de consciência, para afirmar sua posição política pacifista, mesmo quando lhe fora aconselhado alegar objeção religiosa para escapar ao processo), a Corte aceitou que seu período de pós-doutorado em Psicologia, pudesse ser considerado como serviço comunitário para cumprir parte da pena, já que sua candidatura havia se dado tempos antes da condenação e de fato seu estágio pós-doutoral incluía serviço à comunidade. O que não imaginavam os que o condenaram é que a mesma época serviria para que ele se fortalecesse como liderança antirracista.

contra as empresas de ônibus no Alabama, que segregavam negros e brancos no interior dos ônibus, levando a população local a caminhar quilômetros de casa para o trabalho e vice-versa, em boicote ao transporte coletivo local, levando mesmo à falência diversas companhias de ônibus, até que a segregação foi eliminada. Um dos principais inspiradores do movimento *CORE*, Bayard Rustin, foi também inspirador e mentor de Martin Luther King – o que pode dar uma indicação da relevância e impacto das ideias sobre ação direta não-violenta que foram compartilhadas e aplicadas por Herbert Kelman.

É notável no professor Kelman sua discrição e modéstia, da qual tenho sido testemunha. Abre mão de notoriedade para respeitar a promessa e garantia de sigilo de suas oficinas e diálogos informais, embora seja reconhecido em meios diplomáticos e no meio acadêmico por suas contribuições. É reconhecido como pioneiro nos estudos psicopolíticos sobre a paz, sendo cofundador da *Peace Studies Society*, entre outras sociedades que apoia e nas quais ocupou posições relevantes.

Foi muitas vezes agraciado com prêmios por sociedades científicas – o primeiro dos quais, em 1956, o foi pelo uso de metodologia experimental e quantitativa em um trabalho sobre aspectos psicossociais envolvidos em processos de comunicação/influência, que ainda hoje é uma referência em diversas disciplinas científicas e em aplicações práticas. Vale lembrar que, nas ocasiões em que os prêmios envolveram valores financeiros, Herb Kelman doou os mencionados valores para garantir a continuidade de seu trabalho.

Foi também fundador do *Journal of Conflict Resolution*, ainda nos anos 1960, em seu tempo na Universidade de Michigan, entre outros periódicos relevantes dos quais auxiliou o desenvolvimento.

Herb Kelman lecionou em Harvard, pela primeira vez, no final dos anos 1950 e início dos 1960, ocupando depois um posto na Universidade Michigan, em Ann Arbor, voltando então para Harvard em 1968, já na posição de *Richard Clarke Cabot Professor of Social Ethics*, substituindo Gordon Allport, com quem colaborou em diversos momentos, em particular na sua primeira fase em Harvard, como um ainda jovem professor em início de carreira.

Desde 1965, ainda em Michigan, dedicou-se a trabalhar o tema da resolução de conflitos, em colaboração com o diplomata e acadêmico australiano John Burton, que vinha desenvolvendo trabalhos nesse campo e despertou a atenção de Kelman, em especial por sua experiência como pacifista e um defensor dos direitos civis para todos e todas. Em 1973 sofreu um infarto coronariano, dias após preparar seu discurso de aceitação do Prêmio Kurt Lewin para Psicólogos Comprometidos com a Melhoria da Ordem Social, no qual demonstrava todo o compromisso de vida e obra. Em uma reflexão durante entrevista a esta pesquisadora, Kelman comentava que havia sido um grande esforço ético e emocional a preparação daquele discurso (que será tratado adiante), por compor tantos aspectos de sua vida e do próprio entrelaçamento entre vida e obra⁸.

Após longa convalescença, uma vez recuperado, já em 1975, Kelman decidiu dedicar-se, a partir de então, no âmbito de seus projetos, exclusivamente aos esforços de resolução do conflito entre israelenses e palestinos – ainda que continuasse a

⁸ Entre outras vivências, ligadas a seu interesse pelo caso da relação entre palestinos e israelenses, por ocasião da Guerra do Vietnã, Kelman voltou a manifestar-se contrário a guerra, deixando de pagar o imposto especificamente estabelecido para fins da manutenção da atividade bélica norte-americana, sendo perseguido por agentes fiscais, que faziam ininterruptas e contínuas devassas em sua contabilidade pessoal. Mesmo que nada tivesse a esconder, o desconforto das demandas contínuas por documentação, entrevistas agendadas com fiscais, em Washington, quando sua residência era em Boston, entre outros, criavam situações que significavam retaliação, já que não podiam, desta vez, processá-lo e prendê-lo.

acolher, para formar ou dar colaboração, outros pesquisadores que se dedicavam ao tema da paz e da resolução de conflitos. Sua conclusão, como narra, é que fora salvo duas vezes: uma como sobrevivente do Holocausto e, então, do infarto; e, sendo assim, que precisava fazer algo de sua vida que fosse significativo no âmbito de valores que lhe eram caros. De fato, continuou a trabalhar ininterruptamente, com força redobrada, e não cessou seu relevante trabalho mesmo quando sofreu outro infarto em 1995.

Assim, embora o foco de suas preocupações, desde meados dos anos 1970, seja basicamente o Oriente Médio e seus conflitos – com especial atenção para a relação entre israelenses e árabes e, mais em particular, entre israelenses e palestinos – o alcance de seu trabalho tem sido muito mais amplo, atingindo, por meio dos *scholar-practitioners* (na definição profissional que tanto aprecia) que formou, gente de regiões tão distintas como Chipre, Sri-Lanka, Cuba, África do Sul, entre outros como, na América Latina, Equador e Brasil, por exemplo.

Desde 2003 é Professor Emérito, continuando, ainda assim, a colaborar no dia-a-dia da Universidade, em particular dirigindo dois seminários regulares, um sobre Oriente Médio, que dirige desde os anos 1970, e outro que hoje leva seu nome, em sua homenagem, e que é desenvolvido em torno da temática da Análise e Resolução de Conflitos Internacionais, que Kelman vem desenvolvendo como uma lição permanente da construção da paz como tarefa de educação mútua realizada entre grupos em conflito. Nesses seminários, conta com a cooperação das professoras, pesquisadoras e ativistas Donna Hicks, Sara Roy e Lenore Martin, com quem tem trabalhado nas últimas décadas.

Herbert Kelman vive com sua esposa Rose Brousman Kelman, em Cambridge, Massachusetts, como um exemplo de ser humano, exemplo real e inspirador para todos – para os que, como eu, têm oportunidade de partilhar de seus ensinamentos diretos e que o temos para sempre como mestre, para o mundo agora e para as futuras gerações.

Alguns aspectos da relação teoria-prática na obra de Kelman

Como o fato de ser um sobrevivente é um marco, vale mencionar que um dos artigos autobiográficos, que é base desta apresentação da obra de Herb Kelman (KELMAN, 2001), traz análise da influência do Holocausto em suas escolhas existenciais e nos temas de seu trabalho.

Embora esse trabalho identifique algumas questões centrais de sua obra e vida, que precisam ser contempladas quando se pretende compreender o alcance e significado de sua contribuição, traz também o que Kelman considera “uma importante qualificação”, ou seja, a afirmação que faz de que:

(...) assim como é um equívoco, a meu ver, construir a história e a cultura judaica inteiramente em torno do Holocausto e da experiência de perseguição através dos séculos, seria também um equívoco construir minha própria história intelectual em torno do Holocausto. (KELMAN, 2001, p. 201).

Embora seja um gesto de dignidade, o depoimento de sobreviventes, contudo, em especial daqueles que reorganizaram suas vidas após sofrerem a barbárie, pode trazer luz à compreensão de como a educação, que tinham recebido antes, serviu de apoio à identidade e à dignidade, e como o que receberam depois, pode ter auxiliado a reorganização pessoal e a própria reflexão sobre o vivido. Além disso, sua análise de temas advindos da vivência como sobrevivente do Holocausto que influenciaram sua

vida, apresenta-se como possibilidade de contribuição para a temática da pluralidade e da educação em direitos humanos.

Vivências trazidas com reflexão, como a de Kelman, carregam consigo abertura conceitual para compreender possibilidades que se constroem em torno da pluralidade humana, como necessidade vital para a vida democrática – e, portanto, os riscos totalitários representados pela negação da pluralidade, como foi o caso do Holocausto (ARENDETT, 1998).

Feitos esses esclarecimentos, é possível passar aos conceitos que Herb Kelman classifica em sua obra que, de certa forma, representam o impacto do Holocausto em sua obra (KELMAN, 2001).

Essas classificações são: (a) conformidade e obediência; (b) nacionalismo e identidade nacional – incluindo o debate sobre o patriotismo; (c) conflito étnico e sua resolução; e (d) a ética da pesquisa social e da intervenção social. Ao identificar essas classificações, como pares de conceitos, Kelman revela um dos modos possíveis de analisar o todo de sua obra.

Por exemplo, é possível perceber essas classes de análise em seu trabalho relativo ao conflito entre israelenses e palestinos. Esse trabalho é reconhecido como tendo sido absolutamente pioneiro na construção de possibilidades de diálogo entre líderes influentes, propiciando que, ao auxiliar esses líderes dos grupos em conflito a dialogar e a trilhar o caminho da diplomacia não oficial (também denominada *Track-Two Diplomacy*), colaborasse para pavimentar o caminho que conduziu à assinatura do Acordo de Oslo, em Washington, EUA, em 1993, ainda hoje a oportunidade mais concreta e efetiva que foi dada à paz naquela região.

A maior parte dos líderes que negociaram e prepararam o texto do Acordo, participaram das atividades do professor Kelman, notadamente, embora não exclusivamente, de suas oficinas de resolução interativa de problemas (*Problem-Solving Interactive Workshop*). Nessa Oficina o acadêmico tem um papel de facilitador, analista e parceiro, sendo que muitas vezes o trabalho que antecede a realização da própria Oficina é delicado, nos contatos com aqueles que participarão da atividade, para que compreendam o processo e aceitem ali estar, protegidos todos e todas pelo sigilo.

Outro ponto importante das atitudes consistentes de Kelman com o que prega é que tem incluído em seus trabalhos colegas de países em desenvolvimento. Como dirigente de sociedades científicas, promoveu a inclusão de associações do mundo em desenvolvimento. Desenvolveu cooperação na África, por exemplo, e na América Latina. No caso desta, quando foi presidente da Sociedade Interamericana de Psicologia (*Interamerican Society of Psychology*) estudou espanhol, como forma de integrar-se melhor junto ao grupo latino-americano, o qual representava a maioria dos afiliados. Sua atenção ao tema levou, por exemplo, em artigo que escreveu com Donald Warwick (KELMAN & WARWICK, 1973), a que mencionasse Paulo Freire como exemplo de trabalho psicocultural no processo de alfabetização de adultos, gerando transformação do papel e da consciência da possibilidade de serem eles agentes de mudança social e não mero resultado da ordem social injusta. E isso, em momento no qual Paulo Freire estava exilado do Brasil, por causa da ditadura.

A significativa singularidade que a contribuição de Kelman traz para a humanidade em construir bases de tolerância, compreensão e paz por meios não-violentos reside no modo peculiar e especial pelo qual sua vida e seu trabalho compõem-se para produzir coerência humana e contribuições decisivas para as Ciências Sociais e Humanas. Em mais de sessenta e cinco anos de atividade científica e prática ininterrupta, o cientista tem atingido muitas conquistas, embora nunca se

permita o senso de “missão cumprida”. Semelhantes conquistas de Herbert Kelman são expressas em: mais de vinte prêmios relevantes ao longo de cinquenta anos; muitos títulos de doutor *honoris causa* de diferentes universidades em vários países e continentes; trabalho escrito prolífico e fundador de abordagens conceituais e metodológicas. Sua obra inclui: livros acadêmicos, artigos em periódicos científicos, ensaios analíticos e artigos de opinião em jornais e revistas relevantes nos Estados Unidos, onde vive, assim como em diversos outros países. Muitos pesquisadores em vários níveis de suas carreiras acadêmicas e de diferentes partes do mundo, como antes mencionado, beneficiaram-se de sua orientação, o que tem permitido que apliquem a metodologia de Kelman nos países e regiões de suas origens.

Um pouco sobre o tema da desumanização na obra de Kelman – e o campo da educação

A obra de Herbert Kelman apresenta-se, assim, consistentemente construída ao longo de sua vida. As diferentes produções articulam-se, indicando continuidades mesmo em processos que indicariam mudanças, como ele mesmo se refere ao desenvolvimento de seu trabalho ao longo de mais de sessenta e cinco anos de vida acadêmica ininterrupta.

Como uma questão estrutural que propõe a si mesmo – dialeticamente como todas as demais proposições que faz –, refere-se à reflexão sobre seu próprio trabalho, Kelman tem apresentado algumas análises que sistematizam o que produziu, a partir de diferentes prismas.

Com relação a desenvolvimentos teóricos, Kelman tem concentrado seus esforços na análise de processos de influência social, estudando o impacto de forças sociais no comportamento individual e vice-versa. Em seu trabalho, enfatiza a natureza e a qualidade da relação entre as partes em interação. A preocupação subjacente é sempre relativa à dignidade humana e à reciprocidade nas relações sociais.

Quando Kelman aplica seu modelo de influência social às relações entre grupos engajados em conflito internacional, assenta suas ideias em questões de identidade nacional, promoção de cooperação mesmo enquanto se dá o conflito, em especial pelo reconhecimento da plena humanidade do inimigo e pela reconciliação. Assim como sua construção teórica é dialética, a ação que ele propõe e pratica é nutrida pelo compromisso com a comunicação como uma ferramenta que ofereça às pessoas explorar e alcançar uma melhor compreensão das perspectivas que cada qual tem, e, assim, reciprocamente, propiciar elementos para que um possa compreender melhor o outro.

Ao defender a ética da ação contra a injustiça por meios não-violentos, buscando a paz, Kelman pratica exemplarmente seu próprio compromisso ético como pessoa pública e cientista, começando por exigir de si mesmo o que exige dos outros. É mais do que praticar o que prega, já que iniciou sua prática muito antes da “pregação”, se for para considerar, de forma metafórica, atividades de ensino como pregação. Essas características centrais combinam com uma marca distintiva da metodologia de Kelman, que é a presença da dialética em questões que ele propõe em teoria e prática, não apenas em seu trabalho acadêmico, mas ao longo de sua vida.

Em seus trabalhos, Kelman encoraja os adversários a ouvirem-se uns aos outros, com relação a como elaboram necessidades, medos e preocupações, para que esses três aspectos sejam contemplados, se se pretende que a solução do conflito possa ser satisfatória para todos, considerando os respectivos pontos de vista. Kelman, então solicita então que se engajem em um processo de pensar conjuntamente para alcançar

resolução que propicie acordo, por ser apropriada ao atendimento que de ambos os grupos, em seus respectivos conjuntos de necessidades, medos e preocupações. A construção da paz, em sua visão, move-se ao longo de três estágios: o primeiro, de dirigir-se aos interesses das partes; o segundo por meio da construção de novas relações entre os grupos; e, terceiro, pela aceitação, de cada grupo, da identidade do outro.

Um aspecto básico da abordagem de Kelman, portanto, é o seu pioneiro reconhecimento de fatores psicológicos operando no ambiente político e social, nacional ou internacional, assim como ele analisa barreiras potenciais, de cunho cognitivo, emocional e cultural, para a construção do respeito mútuo e da cooperação. Seu trabalho busca superar essas barreiras através da metodologia da resolução interativa de problemas, em especial dirigida à análise e resolução de conflitos internacionais, como Kelman desenvolve há décadas. Seu trabalho tem interligado teoria e prática, produzindo idéias teóricas originais, como a organização de oficinas, há pouco mencionadas, que reúnem pessoas influentes que pertencem aos grupos em conflito.

Vale lembrar que Herbert Kelman atribui um papel importante à ciência no processo de resolução de conflitos, particularmente quando o/a cientista tem compromisso com valores éticos que o/a impelem à abordagem dos problemas, não apenas como acadêmico, mas como “*scholar-practitioner*”, como ele mesmo o é, e como tem ensinado todos os que estudam e atuam sob sua orientação a serem também assim.

Nesse espírito, Kelman busca demonstrar em seu trabalho que uma marca da dignidade humana é rejeitar submeter-se à autoridade injusta, como também é marca de dignidade humana negar-se a subjugar outros. Pelo exercício do direito de resistir à injustiça pelo caminho da não-violência, nós podemos contribuir para o abandono do uso da violência e da exclusão dos seres humanos, em suas diversas formas.

É crucial para essa mudança relativa ao abandono do uso da violência e da exclusão, segundo Kelman, o uso da melhor teoria que seja possível, assim como da melhor prática possível, continuamente informada pelo processo de reflexão. Para esse fim, é importante evitar simplificações de todo tipo, como a que reduz tudo a uma fórmula de “os do bem/os do mal” para explicar conflitos internacionais ou outros conflitos que envolvam grupos e facilmente degenerem em (ou já tenham se encaminhado para) violência.

Ao invés disso, ainda segundo Kelman, é necessário pensar dialeticamente para evitar a armadilha de examinar buscas e dilemas humanos, ao mesmo tempo em que se abre a porta para a desumanização; em outras palavras, muitas vezes no afã de encontrar uma “explicação”, mesmo o mais rigoroso e sério dos pesquisadores pode propiciar esse tipo de situação, em que buscando oferecer uma explicação científica, possa converter sua análise em uma forma de agredir a dignidade humana dos grupos a quem possa vir a identificar como única fonte de todos os males, ou mesmo “o mal” em sua forma pura e crua.

Um texto central para compreender a análise da questão da desumanização como é proposta por Kelman é o discurso que proferiu por ocasião da cerimônia de premiação, ao receber o Prêmio Kurt Lewin para Psicólogos Comprometidos com a Melhoria da Ordem Social, em 1973. Esse trabalho é particularmente importante ao buscar compreender as motivações que levaram pessoas a aceitar ordens que levaram a considerar grupos humanos inteiros como subhumanos. Analisa, também, a relação entre vítimas e perpetradores, assim como condições institucionais, ou organizacionais, nas quais se estabelece um tipo de “autorização” para que esse tipo de barbárie ocorra.

Nas palavras de Kelman:

A autorização ajuda a definir a situação de tal modo, que, ali, o padrão de princípios morais não se aplica; o indivíduo, ao obedecer a essas ordens da autoridade, não está se comportando como agente moral independente e, assim, sente-se absolvido da responsabilidade de fazer escolhas morais pessoais. Através da rotinização, a ação torna-se tão organizada, que não há oportunidade de levantar questões morais e de tomar decisões morais; a ação passa a ser vista como parte de um trabalho normal, sem se dar atenção para seu significado mais amplo. Através da desumanização, as atitudes dos atores, em direção ao alvo [humano] e a si mesmos, são tão estruturadas, que não é nem necessário, nem possível, que vejam a relação em termos morais; a vítima é excluída da sua comunidade moral.

Esta análise baseada nos três processos – autorização, rotinização e desumanização – tem sido utilizada por Kelman em muitos campos, em suas pesquisas e também em pesquisas desenvolvidas por outros autores, particularmente em temas relativos à tortura e a outras graves violações de direitos humanos.

Observa-se que a temática dos três processos pode trazer contribuições para vivências no interior da escola, ou das questões educacionais como um todo, tanto no que se refere à forma como desenvolve suas atividades, como no tipo de formação que oferece a crianças e jovens.

Há também um debate que Kelman desenvolve, intimamente vinculado à sua experiência com o Holocausto, e que aparece pela primeira vez no discurso já citado, quando recebeu o Prêmio Kurt Lewin. Trata-se de exemplo de contribuições para educação, também, cujas possibilidades estão por ser exploradas, seja na análise de problemas que podem existir mesmo no interior da sala de aula, seja no contexto da sociedade, de onde provém o aluno que a escola recebe, seja no tipo de indivíduo que a escola pode formar. É o debate sobre a “categoria de definição sancionada de vítima”, encorajando todo tipo de violência contra certos grupos no interior da sociedade, aqueles que oficialmente (ou próximo do que seja oficial, pela consolidação da prática estabelecida como mentalidade hegemônica) são considerados como “alvos legítimos para ser massacrados”, “categorias de pessoas que são menos do que humanas e que são descartáveis”. (KELMAN, 1973). Processos contemporâneos de assédio moral, presenciais ou via internet e redes sociais, ou *bullying*, como tem sido denominado, são exemplos desse tipo de vitimização e desumanização.

Ainda no referido discurso, Herb Kelman apresenta propostas para superar situações que atentam contra a dignidade humana:

Um tipo de esforço corretivo contra a categoria de definição sancionada de vítima é usar toda oportunidade para individualizar os alvos da violência, em casa ou fora. Tanto quanto permaneçam sem identidade e sejam descritos em termos de categorias estereotipadas, mais prontamente poderão ser desumanizadas. Mais ainda, tanto quanto nós precisamos constantemente protestar contra qualquer tendência no interior da sociedade para tratar ações violentas como se fossem normais e legítimas, tanto temos que protestar contra todas as implicações de que haja grupos – no interior da sociedade ou fora dela – que sejam considerados como subumanos e juguete. Nenhuma tentativa de excluir da comunidade humana um grupo, por quaisquer critérios segundo os quais um grupo possa ser definido, não pode ser aceita sem ser desafiada. É particularmente importante desafiar tais tentativas quan-

do elas são feitas por agentes públicos e, especialmente, por agentes públicos que falam com a mais alta autoridade. (KELMAN, 1973).

Difícilmente um texto poderia descrever de forma mais evidente o papel de professores e professoras, que são, para seus estudantes de todas as idades, em todos os níveis e gêneros de ensino, as mais altas autoridades que conhecem, seja no âmbito da escola, pública ou particular, seja no âmbito da relação incipiente que crianças, e depois adolescentes, pouco a pouco aprendem a construir com o Estado, como cidadãos, do qual Estado cada docente com quem convive, é símbolo dessa alta autoridade.

Finalizando este estudo⁹, do ponto de vista científico, Herb Kelman é um pesquisador que tem oferecido, por mais de sessenta e cinco anos, contribuição inovadora e original para as Ciências Sociais e Humanas, englobando de métodos quantitativos experimentais à criação de metodologias qualitativas como as mencionadas oficinas. É, em especial, uma voz pública contra a intolerância no mundo, fazendo um chamado ao respeito mútuo entre todas as pessoas e grupos e buscando resoluções dos conflitos enfrentados, em termos de acordos e compromissos, que possam beneficiar a todos os grupos envolvidos em um dado conflito. Herb Kelman é um símbolo de alternativas pacíficas para o conflito destrutivo, sendo um exemplo vívido de coerência e integridade, a ponto de, como foi estudado, ser difícil distinguir sua vida de sua produção acadêmica, rica, densa, profunda e respeitada, e que merece maior atenção no Brasil, em particular de educadores e educadoras.

Referências

ARENDDT, Hannah. Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FISCHMANN, Roseli (org.). *Dossier Kelman. Notandum Libro-9*. Mandruvá/CEMOROC, 2007. Disponível em <http://www.hottopos.com/kelman/>. Acesso em 10 ago 2012.

KELMAN, Herbert C.. Continuity and change: My life as a social psychologist. In A.H. Eagly, R.M. Baron, & V.L. Hamilton, (Eds.), *The social psychology of group identity and social conflict: Theory, application, and practice* (pp. 233–275). Washington, DC: American Psychological Association, 2004.

KELMAN, Herbert C.. Dignity and dehumanization: The impact of the Holocaust on central themes of my work. In P. Suedfeld (Ed.), *Light from the ashes: Social science careers of young Holocaust refugees and survivors* (pp. 197–220). Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 2001.

KELMAN, Herbert C.. Experiences from 30 years of action research on the Israeli-Palestinian conflict. In K.P. Spillmann & A. Wenger (Eds.), *Zeitgeschichtliche Hintergründe aktueller Konflikte VII: Zürcher Beiträge zur Sicherheitspolitik und Konfliktforschung*, No. 54, 173–197, 1999

KELMAN, Herbert C.. Violence Without Moral Restraint: Reflections on the Dehumanization of Victims and Victimiziers. *Journal of Social Issues*, 29, no. 4 (1973): 25–61.

Recebido para publicação em 13-08-12; aceito em 11-09-12

⁹ Este *paper* abre uma série de estudos sobre Kelman, esforço acadêmico que terá continuidade com vistas a divulgar tão relevante contribuição. Assim, essa finalização é provisória, até o próximo *paper*.